

UM

1

Ainda na sua juventude, John Courteney Boot tinha atingido, como proclamava o seu editor, «uma posição invejável nas letras contemporâneas». Os seus romances vendiam 15 000 exemplares no primeiro ano de publicação e eram lidos por pessoas cuja opinião John Boot respeitava. Nos intervalos dos romances, mantinha o seu nome atraente nos círculos intelectuais com trabalhos não lucrativos, mas em voga, sobre história e viagens. As suas primeiras edições autografadas, por vezes, mudavam de mãos ao preço de um xelim ou dois acima do custo original. Tinha publicado oito livros — começando com uma biografia de Rimbaud escrita aos dezoito anos e concluindo, nesse momento, com *Waste of Time*, uma descrição elaboradamente modesta de alguns meses angustiantes entre os índios da Patagónia —, dos quais muitas pessoas que almoçavam com Lady Metroland eram capazes de recordar os nomes de três ou quatro. John Boot tinha muitos amigos encantadores, sendo o mais valioso e fascinante Sr.^a Algernon Stitch.

Tal como toda a gente que pertencia ao círculo da Sr.^a Stitch, John Boot levava-lhe as suas dificuldades para ela solucionar. Foi com esta finalidade, que numa manhã de Junho em que se sentia um friozinho cortante, atravessou o Parque e foi bater à porta da casa dela (uma criação soberba de Nicholas Hawksmoor escondida num *cul-de-sac*¹ perto do Palácio de Saint James).

Algernon Stitch encontrava-se parado no átrio; tinha na cabeça o inseparável chapéu de coco; a mão direita, segurando com força uma pasta de arquivo carmesim, com as armas reais, emergia na manga esquerda do sobretudo; a outra mão metia-se petulantemente no bolso de dentro. Um guarda-chuva sob o braço esquerdo atrapalhava-o bas-

tante. Falava de uma forma indistinta em virtude de segurar entre os dentes um exemplar dobrado do jornal da manhã.

— Não consigo enfiá-lo — parecia ele dizer.

O homem que tinha aberto a porta apressou-se a ir ajudá-lo, pegando-lhe no guarda-chuva e na pasta de arquivo e colocando-os em cima da mesa de mármore; depois despiu-lhe o sobretudo e segurou-o aberto atrás do patrão. John pegou no jornal.

— Obrigado. Muito obrigado. Agradecido. Veio visitar a Julia, hem?

Bem lá de cima, de baixo das majestosas curvas de uma imponente escadaria, veio uma voz fraca mas com ressonância especial.

— Procura não vir tarde para o jantar, Algy; os Kents vêm cá.

— Ela está lá em cima — informou Stitch. Tinha agora o sobretudo vestido e parecia exactamente um ministro do gabinete inglês; alto e magro, com um nariz comprido e delgado, um bigodinho fino, um modelo para os caricaturistas continentais. — Vai encontrá-la na cama — acrescentou.

— O seu discurso está a ser muito apreciado nos jornais desta manhã. — John mostrava-se sempre delicado com Stitch; toda a gente o fazia; os militantes do Partido Trabalhista adoravam-no.

— Discurso? O meu? Ah! Está a ser apreciado, hem? A mim pareceu-me horrível. De qualquer maneira, obrigado. Muito obrigado. Muito agradecido.

Deste modo, Stitch saiu para o seu gabinete no Ministério da Defesa Imperial e John subiu as escadas para ir ter com Julia.

Como o marido dela lhe tinha dito, Julia encontrava-se ainda na cama, se bem que já passasse das onze horas. A sua cara, normalmente viva e agitada, estava agora fixa numa máscara de argila, com um aspecto rígido e ameaçador como uma máscara asteca. Contudo, a senhora não descansava. A sua secretária, a menina Holloway, estava sentada ao seu lado com livros de contabilidade, facturas e correspondência. Com uma das mãos, a Sr.^a Stitch assinava cheques; com a outra segurava o telefone para o qual, nesse momento, ditava pormenores dos vestidos para um baile de caridade. Um homem jovem e elegante, encavalitado num escadote, pintava castelos em ruínas no tecto. Josephine, o prodígio Stitch com oito anos de idade, sentava-se aos pés da cama, comentando a lição do dia sobre um texto de Virgílio. A criada da Sr.^a Stitch, Britling, lia-lhe a chave das palavras cruzadas do jornal da manhã. Trabalhava afincadamente nisso desde as 7h30.

Josephine levantou-se, abandonando o seu trabalho escolar para dar um pontapé em John quando ele entrou no quarto. — *Boot* — dis-

se ela selvaticamente. — *Boot** — dando-lhe um pontapé numa rótula, logo seguido de um segundo na outra. Era uma piada que já vinha de longe.

A Sr.^a Stitch rodou a sua cara de argila, na qual apenas os olhos davam uma sugestão de boas-vindas, para o visitante.

— Entre — convidou ela. — Estou mesmo para sair daqui. Porquê vinte libras para a senhora Beaver?

— Foram para o presente de casamento da Lady Jean — informou a menina Holloway.

— Eu devia estar louca. Sobre a cabeça de leão para a armadura do centurião; há uma muito bonita por cima do portão de uma casa perto de Salisbury chamada Twisbury Manor; copie isso o mais fielmente que possa; telefone para a *Country Life* e peça «números atrasados»; havia uma fotografia dessa cabeça num número de há dois anos. Está a pôr demasiada hera no torreão, Arthur; o mocho não aparece se não encontrar uma pedra completamente nua e eu tenho uma estima especial pelo mocho. *Munera*, querida, como têmpera; os plurais neutros têm sempre um *a* breve. Dá a impressão de ser um anagrama; vê se «Terracota» serve. Estou *encantada* por vê-lo, John. Por onde tem andado? Pode aparecer para me acompanhar na compra de carpetes; descobri um novo estabelecimento em Bethnal Green, propriedade de um judeu muito interessante que não fala inglês; estão a acontecer constantemente à irmã coisas muito extraordinárias. Porque é que hei-de ir à Desolada Área de Viola Chasm? Ela veio ao meu Manicómio Modelo?

— Oh, sim, senhora Stitch.

— Nesse caso, suponho que isso significa dois guinéus. Adorei absolutamente *Waste of Time*. Lemo-lo em voz alta em Blakewell. O abade sem cabeça é magnífico.

— Abade sem cabeça?

— Não no *Waste of Time*. No tecto que o Arthur está a pintar. Pulo no quarto do primeiro-ministro.

— Ele leu-o?

— Bom, não creio que ele *leia* muito.

— Terracota é demasiado comprido, minha senhora, e não há nenhum *r*.

— Experimenta hotentote. É esse género de palavra. Nunca sou capaz de fazer anagramas a não ser que possa estar a vê-los. Não, *Twisbury*, deves ter ouvido falar nisso.

* *Boot* significa bota ou dar pontapés.

— *Floribus Austrum* — cantarolou Josephine — *perditus et liquidis immisi fontibus apros*; tendo sido perdido com flores no Sul e enviado para a fonte líquida. *Apros* é porcos-bravos, mas eu não consigo tirar um sentido desse pedaço de texto.

— Faremos isso amanhã. Agora tenho de sair. Hotentote serve?

— Não há nenhum *h*, minha senhora — respondeu Brittling com uma tristeza inefável.

— Oh, minha querida. Preciso de ver isso quando estiver no banho. Não me demoro mais de dez minutos. Fique aqui e fale com a Josephine.

Saiu da cama e do quarto. Brittling foi atrás dela. A menina Holloway recolheu os cheques e os papéis. O jovem que estava em cima do escadote trabalhava, diligentemente, com a mão. Josephine rolou até à cabeceira da cama e olhou para cima para ele.

— É muito banal, não é, Boot?

— Gosto muito.

— Gostas? Penso que todo o trabalho do Arthur é banal. Estou a ler o teu livro, *Waste of Time*.

— Ah — John não encorajava as críticas.

— Acho-o muito banal.

— Parece que achas tudo banal.

— É uma palavra nova cujo uso correcto só compreendi ultimamente — disse Josephine — e que se aplica a quase tudo: a Virgílio, à menina Brittling, ao meu ginásio.

— Como vai o ginásio?

— Sou de longe a melhor da minha classe, se bem que haja várias raparigas mais velhas do que eu e dois rapazes da classe média.

Quando a Sr.^a Stitch dizia dez minutos, queria dizer mesmo dez minutos. Estava de volta no tempo exacto, vestida já para sair; o seu rosto encantador, completamente limpo de argila, estava agora vivo e cheio de interesse.

— Querida Josephine, o senhor Boot aborreceu-te?

— Correu tudo bem, realmente. Fui eu que falei quase tudo.

— Mostra-lhe a tua imitação do primeiro-ministro.

— Não.

— Canta para ele a tua canção napolitana.

— Não.

— Faz o pino sobre a cabeça. Só uma vez para o senhor Boot.

— Não.

— Oh, céus! Bem, temos de ir já se queremos chegar a Bethnal Green e estar de volta antes do almoço. O trânsito está horrível.

Algernon Stitch ia para o seu gabinete num *Daimler* escuro e bastante antiquado; era Julia que conduzia sempre o seu carro, um carrinho de bebé produzido em massa, do último modelo; novinho em folha duas vezes por ano, pintado invariavelmente de negro metálico, pequenino e polido como a urna de um anão. Subiu a ruela e rapidamente rolou ao logo da outra rua até à esquina de St. James, onde um polícia lhe tirou o número de matrícula e a mandou seguir pela faixa de rodagem.

— É a terceira vez esta semana — disse a Sr.^a Stitch. — Gostaria que não o tivessem feito. É um grande aborrecimento para o Algy.

Logo que ficou metida na correnteza do trânsito, desligou o motor e voltou a sua atenção para o problema das palavras cruzadas.

— É «detonado» — exclamou ela, preenchendo o espaço respectivo.

Uma rajada de vento leste varreu a rua, levando consigo os gases dos escapes de centenas de motores e partículas pequeninas de estuque Regência de uma fachada Nash antigamente decente, que estava a ser demolida do outro lado da rua. John estremeceu arrepiado e esfregou qualquer partícula introduzindo-a ainda mais no olho. Oito minutos de grande concentração bastaram a Julia para acabar de resolver o problema de palavras cruzadas. Dobrou o jornal e atirou-o por cima do ombro para o assento de trás; olhou à sua volta, para o trânsito parado, com uma expressão de repulsa.

— Isto é de mais — observou ela. Pôs o motor em marcha, virou novamente numa guinada brusca na curva e seguiu para Piccadilly. À sua frente, conduzindo com um andamento vivo até encontrar refúgio num espaço vago em frente do Brooks, ia um jovem calvo e corpulento; quando se viu em segurança, voltou-se para protestar, reconheceu a Sr.^a Stitch e fez uma reverência profunda para as traseiras do carrito negro enquanto este dobrava a toda a velocidade a esquina de Arlington Street. — Uma das coisas de que gosto nestes carros absurdos — observou ela — é que se podem fazer coisas com eles que não se podem fazer com carros autênticos.

De Hyde Park Corner até Piccadilly Circus a linha de tráfego era contínua e sem movimento, imóvel como uma fotografia, inquebrável e imperturbada, excepto nalguns cantos estratégicos, onde operários barricados, como últimas linhas de defesa desesperada de uma força proletária, estavam a reparar a rua com martelos pneumáticos, furando em busca dos fios e canos que controlavam a vida da cidade.

— Quero ir-me embora de Londres — disse John Boot.

— Então já chegámos a isso? Tudo por causa dessa rapariga americana?